

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Rio sob tensão I

Até as 18h, o ministro da Justiça, Flávio Dino, não havia se pronunciado sobre a queima dos ônibus, por milicianos, no Rio de Janeiro. A avaliação é de que não é motivo para intervenção federal — e nem será esse o caminho. O Planalto não quer dar margem a interpretações de que estaria passando por cima da autoridade do Palácio Guanabara. Porém, Lula considera que o caso é tão grave que não dá para o governo federal ficar parado.

Rio sob tensão II

O Rio de Janeiro é o cartão de visitas do país, que deixa de receber turistas por causa do tráfico e dos milicianos. Para completar, tem a corrupção policial, que escolta cargas de drogas. Merece uma mobilização intensa, em todos os níveis de poder.

Mais um desgaste

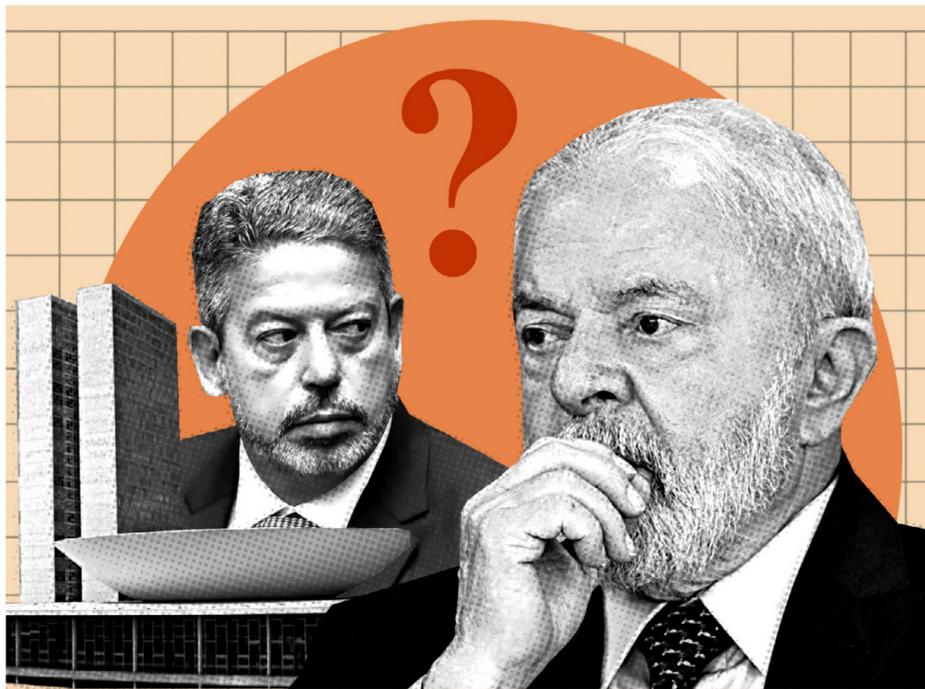
O fato de a Caixa Econômica Federal ter suspenso a exposição *O grito* aliviou, mas não resolveu a relação do governo com Arthur Lira. É que uma obra da artista Marília Scarabello apresentava, num dos quadros, o presidente da Câmara dentro de uma lata de lixo, junto com a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) e o ex-ministro da Economia Paulo Guedes. Lira não gostou, mas não passou recibo.

Alguém sabia

Na Câmara, alguns líderes comentavam ser impossível os responsáveis pela exposição não saberem o que compõe cada mostra feita na Caixa. Para os amigos de Lira, está cada dia mais claro que o governo suporta, mas não gosta do presidente da Câmara.

Vetos, a grande incógnita

Com os vetos ao Carf (Conselho de Administração de Recursos Fiscais) e ao Arcabouço Fiscal em pauta, esta semana, o governo passou a tratar essas duas leis como o grande teste dos próximos dias. A avaliação é de que a taxação das offshores tem tudo para ser aprovada, mas a manutenção dos vetos é outra história. É que o Planalto abre os primeiros dias úteis de “pauta cheia” após o retorno do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), ao Brasil, sem saber se terá os votos para fazer valer a vontade da equipe de Lula nesses dois temas. Até aqui, os líderes ainda não comunicaram ao Planalto como estão as bancadas em relação a este assunto. E, com o caos na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o cartão de visita do país, Lula ainda não tinha tratado dos vetos.



CURTIDAS

Imagem arranhada/ O *Financial Times* de sábado diz que o Brasil tem se distanciado, de forma preocupante, da política limpa. Cita como exemplo a reforma política aprovada pela Câmara. E o combate à corrupção está na receita para o acordo com a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Lula Marques/Agência Brasil



Sabino na lida/ O ministro do Turismo, Celso Sabino (foto), lança, em 21 de novembro, o programa “Conheça o Brasil Cívico”, voltado a alunos e professores. A solenidade será no Itamaraty, um dos edifícios incluídos no projeto.

Hora dos eleitores/ Sabino fez questão de participar da sessão de comemoração, na Câmara, dos 180 anos do registro de imóveis. No final, ainda posou para fotos com a delegação do Pará. O ministro é visto como uma das apostas para a política estadual.

ARGENTINA

Molho brasileiro no time de Massa

Especialistas em marketing político ligados a Lula e ao PT estão entre os responsáveis pelo desempenho do peronista no 1º turno

» VINICIUS DORIA
» HENRIQUE LESSA

A vitória do ministro da Economia da Argentina, Sergio Massa, no primeiro turno das eleições presidenciais, refletiu, em parte, uma estratégia que teve participação direta de um grupo de brasileiros ligados ao PT. Pelo menos quatro marqueteiros que atuaram em campanhas eleitorais do partido estão em Buenos Aires, há mais de um mês, para ajudar os estrategistas da equipe de Massa na briga contra o candidato da ultradireita Javier Milei.

Os profissionais de marketing político levaram para a disputa na Argentina a experiência das duas últimas eleições presidenciais no Brasil, que tiveram, no segundo turno, a presença de um petista — Fernando Haddad, em 2018, e Lula, no ano passado. Integram a campanha de Massa os marqueteiros Otávio Antunes, Raul Rabelo, Halley Arrais e Chico Kertész.

Antunes fez a campanha do hoje ministro da Fazenda Fernando Haddad para o governo

de São Paulo, no ano passado. Ele também participou do time de marketing do esquerdista Gustavo Petro, que venceu a disputa presidencial na Colômbia.

Rabelo esteve na campanha de Lula, em 2022, assim como Arrais, que ainda atuou na campanha do atual presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Edegar Pretto, que se candidatou pelo PT ao governo do Rio Grande do Sul. O baiano Kertész, filho do ex-prefeito de Salvador Mario Kertész, também esteve no time de Lula, em 2022.

Os quatro se dedicam, especialmente, à guerra de narrativas nas redes sociais, à produção de conteúdos e à análise de dados. A estratégia é ligar Milei à imagem negativa de Jair Bolsonaro — que manifestou entusiasmado apoio ao candidato.

Nas últimas duas semanas, os argentinos foram bombardeados por peças publicitárias que associam o ultradireitista ao ex-presidente brasileiro em questões como ataques às instituições democráticas e à proposta de liberação de armas para a população civil. Uma das peças

Marcos Correa/PR



Marqueteiros brasileiros trabalham para ligar o maior adversário de Massa ao extremismo e à violência

que circularam nas tevês e redes mostra uma criança, na sala de aula, tirando um revólver da mochila junto com livros e cadernos.

Também foi trazida para a campanha eleitoral, poucos

dias antes do pleito, falas em que Milei ataca diretamente o papa Francisco, que é argentino. Ele acusou o sumo pontífice de ter “afinidade com comunistas assassinos”.

Contatos

Apesar da expectativa do Palácio do Planalto de que Massa confirme a vitória no segundo turno, em 19 de novembro,

o Ministério das Relações Exteriores costura pontos de diálogo com Milei — e a pedido da própria equipe do ultradireitista. Fontes na diplomacia argentina confirmaram ao *Correio* que emissários do ultradireitista estiveram com representantes brasileiros em Buenos Aires.

“Milei entrou em contato com a embaixada dos Estados Unidos, de países europeus, asiáticos e, agora, do Brasil. Ele disse que pararia de fazer negócios com países que considera comunistas, como China, Cuba, Nicarágua e Brasil. Voltou atrás e falou que era o seu governo que deixaria de fazer acordos políticos com essas nações, mas que a iniciativa privada continuaria negociando, se quisesse”, disse o diplomata argentino.

Para ele, as relações entre os dois países não devem mudar de forma significativa, caso Milei vire o jogo no segundo turno. Lembra que alterações mais profundas precisam da aprovação do Congresso argentino — o que não deve acontecer, por exemplo, no caso da proposta de ruptura com o Mercosul.

MARCO TEMPORAL

Ruralistas fecham questão para derrubar veto de Lula

» ÂNDREA MALCHER

A Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) se reúne hoje para debater os vetos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao projeto de lei (PL) do marco temporal na demarcação de terras indígenas. O texto foi aprovado pelo

Senado, em setembro, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou a tese inconstitucional — que estabelece que somente aqueles grupos que estivessem em posse da terra no dia da promulgação da Constituição teriam direito a reivindicar o território. A decisão da Corte é de

repercussão geral, o que significa que deve ser aplicada por juízes em ações similares.

Os ruralistas são favoráveis ao PL e garantem que derrubam os vetos de Lula na sessão do Congresso. “Diante das decisões recentes responsáveis por estimular conflitos entre a população rural brasileira — indígenas ou não, em desrespeito à Câmara dos Deputados e ao Senado —, a FPA não assistirá de braços cruzados a ineficiência do Estado brasileiro em políticas públicas

e normas que garantam a segurança jurídica e a paz no campo. Buscaremos a regulamentação de todas as questões que afetam esse direito no local adequado, no Congresso”, diz o comunicado. Os ruralistas afirmam ter uma bancada de 303 deputados e 50 senadores.

Lula vetou diversos pontos do texto. Além do critério de demarcação, derrubou o trecho do PL que permitia a instalação de bases, unidades e postos militares sem consulta às

comunidades indígenas ou aos órgãos relacionados aos povos originários.

Acirramento

O veto contrariou os parlamentares e acirra o clima de tensão com o STF. O marco temporal é um dos temas que vem sendo usados por senadores e deputados para acusar a Corte de “invadir” atribuições do Congresso. O deputado Pedro Lupion (PP-PR) chegou a afirmar que o STF “usurpou

das suas atribuições” na época do julgamento.

Uma sessão conjunta das Casas está prevista para quinta-feira, mas o PL 2.903/23, que trata do marco temporal, não consta na pauta, uma vez que foi agendada antes do veto de Lula.

Fontes ouvidas pelo *Correio* afirmam que há a possibilidade de que o veto presidencial seja apreciado, mas depende de decisão do presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG).